

DESENVOLVIMENTO E MÚSICA: EDUCAÇÃO E OS AVANÇOS HARMÔNICOS

ANDRE DE SOUZA

Graduação em Pedagogia pela Faculdade Mozarteum de São Paulo (2007); Professor de Educação Básica na rede pública de São Paulo.



RESUMO

A educação musical gera bem-estar, prevendo sucesso futuro, pois tem a qualidade de despertar emoções positivas, que produzem felicidade. Por esta razão, a música é frequentemente utilizada para fins terapêuticos, buscando melhorar a saúde mental e física das pessoas, principalmente nas crianças, nas quais seu efeito é imediato, adaptando-se à sua natureza, perpetuando e revivendo momentos especiais, tornando-os problemas quase que magicamente. desaparecer. Por meio da educação musical prática é possível vivenciar e internalizar sons, melodias, harmonias e ritmos, podendo diferenciá-los e expressar livremente todas as suas possibilidades com a voz, o corpo ou com o uso de um instrumento; conseqüentemente, sua importância reside no fato de estimular a audição, a apreciação musical, a alfabetização e o ritmo, de forma progressiva respeitando o desenvolvimento da criança, no aspecto psicológico e fisiológico.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Desenvolvimento; Música; Escola; Família.

INTRODUÇÃO

A motivação é uma categoria psicológica intimamente relacionada à pedagogia. É um sistema complexo de processos e mecanismos psicológicos que determinam o que impulsiona e orienta a atividade do homem em seu ambiente.

Como dito acima, a motivação pode se manifestar extrinsecamente e intrinsecamente. O primeiro caso responde às estratégias utilizadas pelo professor para o crescimento, desenvolvimento e amadurecimento dos alunos, cuja expressão máxima é a formação de sua personalidade e sua autorrealização como aluno. O segundo caso diz respeito às necessidades do aluno para sua sobrevivência, de modo a cobrir suas necessidades básicas: confiança, afeto, cuidado, segurança, identidade, autoestima e autonomia, entre outras. De acordo com as teorias de aprendizagem, para alcançar um processo de aprendizagem satisfatório e abrangente, tanto a motivação extrínseca quanto a intrínseca são de vital importância, pois ambas se complementam e são relevantes na

obtenção de ótimos resultados educacionais.

A motivação intrínseca nasce de dentro, incitando o ser humano a realizar ações por prazer e prazer, sem esperar recompensa, o que determina seu comportamento entusiástico e determinado no desenvolvimento de atividades voltadas ao alcance dos objetivos propostos. ; por outro lado, o extrínseco é motivado por fatores externos, que podem ser recompensas ou punições, que ajudam a reforçar momentaneamente seu comportamento, embora não sejam significativos; isso indica que, embora sejam diferentes, ambos contribuem para a formação pessoal, influenciando na modificação comportamental e na criação de hábitos positivos para formar um bom caráter.

EDUCAÇÃO INICIAL: ESTRUTURA CONCEITUAL

Desde a chegada ao mundo, a criança compartilha com a família o seu espaço educacional por excelência. Lá se adquire aprendizado, valores e comportamentos que estabelecem as bases do desenvolvimento integral. Esse contexto de amor, contenção, encorajamento, apoio e acompanhamento forjará sua personalidade. Para que esse processo ocorra, é essencial que haja respeito e compreensão: as crianças precisam além de compreensão, paciência, reforço e firmeza, num clima de afeto e motivação positiva, embora, infelizmente, muitas vezes e por diferentes razões, não seja a realidade que as crianças experimentam.

“[...] a escola hoje deve possuir um caráter formador, aprimorando valores e atitudes, desenvolvendo desde a educação infantil, o sentido da observação, despertando a curiosidade intelectual das crianças, capacitando-as a serem capazes de buscar informações, onde quer que elas estejam a fim de utilizá-las no seu cotidiano” (KREFTA, 2011 p.08).

Esta educação informal é determinada pela educação de pais e cuidadores adultos estabelecendo limites, mostrando exemplos e dando mensagens que guiarão seu caminho. Mas quando a criança cresce novos ambientes são abertos que consolidam o curso e acrescentam importantes contribuições para essa construção (MENEGOLLA, 2002). As primeiras observações da natureza levam a criança a aprofundar em seu mundo algumas visões de extrema importância que já lhes foi dada por meio de outros estímulos, como histórias populares ou contos de fadas.

A educação formal extrafamiliar, que com ciência e técnica visa crescimento e conquistas que servirão de base para diversas condutas no meio social permite as primeiras manifestações no sentido da preservação ambiental. É a chamada educação infantil, que abrange diferentes modalidades de ensino e aprendizagem para crianças desde as primeiras semanas de vida até a entrada na escola primária (0 a 6 anos), ainda nessa fase a criança descobre que a vida e o meio ambiente devem ser protegidos (MENEGOLLA, 2002). A educação infantil inclui creches, pré-escolas, programas de bem-estar social para crianças etc., o período de cuidado e educação das crianças nos primeiros anos de vida, fora da família. Nessa perspectiva os projetos educacionais são de singular importância, pois a partir de práticas simples como por um feijão em um algodão umedecido ela pode presenciar o brotar da vida.

É importante ter em mente que as variáveis educacionais (familiares e extrafamiliares) são coexistentes e complementares, não são estanques, mas interagem de forma permanente e dinâmica.

A institucional, vem em resposta ao abandono de crianças, desde as instituições dedicadas a crianças pequenas serviu para mantê-los longe dos perigos e tinha uma custódia papel e cuidados as classes populares. Era incomum falar sobre uma verdadeira preocupação educacional (ME-NEGOLLA, 2002). A criança é uma construtora ativa de seu desenvolvimento, que não consegue sozinho, mas cercada por sua família e cultura. Assim, nos primeiros anos de vida, a partir da mãe ou outra pessoa significativa, as matrizes de aprendizagem estão consolidadas. Nesse cenário, o contexto pode promover ou dificultar seu desenvolvimento. A criança autônoma constrói seu próprio plano de ação a partir de sua iniciativa única, questionando, surpreendendo e descobrindo. Não se ele é dominado pelo que deveria estar, presente na imaginação dos adultos, tentando estimulá-la a usar recursos ou funções que ela ainda não possui, dificulta seu desenvolvimento forçando-a a usar esquemas inapropriados. Mesmo assim, a educação e o cuidado nos primeiros anos de vida continuaram a ser considerados, em sua maioria, como uma questão na qual a intervenção se justifica apenas como resposta ao aprendizado enquanto elemento substancial para a vida (LIBANEO, 1994).

ATIVIDADE CENTRAL NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O desenho continua a ser uma atividade central e fundamental para o trabalho de muitos artistas e designers - uma pedra de toque e uma ferramenta de exploração criativa que informa a descoberta visual. Ele fundamentalmente permite a visualização e desenvolvimento de percepções e ideias. Com uma história tão longa e intensa quanto a história de nossa cultura, o ato de desenhar continua sendo um meio fundamental para traduzir, documentar, registrar e analisar os mundos que habitamos. O papel do desenho na educação permanece crítico, e não apenas nas disciplinas criativas da arte e do design, para as quais é fundamental.

“A passagem da produção de imagens involuntárias à execução de imagens premeditadas faz-se por intermédio de desenhos em parte involuntários e em parte voluntários. A semelhança fortuita entre o traçado e o objecto a que a criança dá o nome é das mais rudimentares, e a criança, ao mesmo tempo que percebe isso, reconhece sua imperfeição” (LUQUET, 1969, p. 141).

Como linguagem visual primária, essencial para comunicação e expressão, o desenho é tão importante quanto o desenvolvimento de habilidades verbais e escritas. A necessidade de entender o mundo através de meios visuais pareceria mais aguda do que nunca; as imagens transcendem as barreiras da linguagem e aprimoram as comunicações em um mundo cada vez mais globalizado.

“[...] porque o desenho é para criança uma linguagem como o gesto e a fala. A criança desenha para falar e poder registrar sua fala. Para escrever. O desenho é sua primeira escrita. Para deixar sua marca, antes de aprender a escrever, a criança se serve do desenho. A criança desenha para falar de seus medos, suas descobertas, suas alegrias e tristezas.” (MOREIRA, 2009, p. 20).

Juntamente com a necessidade de habilidades de desenho para aqueles que entram em emprego identificados por uma variedade de indústrias nos setores criativos – animação, arquitetura, design, moda, cinema, teatro, desempenho e as indústrias de comunicação – o desenho também é amplamente utilizado dentro de uma variedade de outras profissões como meio de desenvolver, documentar, explorar, explicar, interrogar e planejar. Isso inclui os campos da ciência, tecnologia,

engenharia, matemática, medicina e esporte.

Focando no processo de desenhos das crianças, chama a atenção para a narrativa que acompanha as marcas feitas no papel antes de escrever: Reconsiderando os caminhos para a alfabetização ligando o significado das crianças às marcas feitas à medida que desenhavam (MÈREDIEU, 2004). Os desenhos e as narrativas que acompanham não são entidades separadas – ambas são partes integrantes do processo de criação de significado.

Devemos considerar tanto o comentário como o desenho, pois ambos reconhecem a construção social do sentido e direciona os adultos para os significados que as crianças procuram transmitir nos seus desenhos, em vez do que eles contêm. O desenvolvimento da representação específica da visão considerada do ponto de vista sócio-cognitivo, em ordem visual, a natureza e desenvolvimento da representação pictórica são abordagens que reconhecem a fluidez e flexibilidade do significado de crianças – mudanças que ocorrem em desenhos como resultado de comentários, ou desenhos que geram comentários diferentes são todos reconhecidos como parte da construção do significado. Intenção e significado no desenho de crianças pequenas (MÈREDIEU, 2004).

Tais transformações não são percebidas como limitações que refletem deficiências de desenvolvimento. Em vez disso, elas refletem o controle das crianças sobre o processo: as mudanças mentais são centrais para o que a criança está intencionalmente envolvida ao desenhar – o processo de decodificar e codificar a marca e o significado (MÈREDIEU, 2004).

Duas consequências imediatas dessa visão emergem – em primeiro lugar, a importância de notar a narrativa das crianças ao longo do processo de desenho e, em segundo lugar, as implicações de registrar ou fixar o significado do desenho ao rotulá-lo.

Se a narrativa das crianças sobre o processo de desenho registra a jornada de sua construção de significado, é isso, assim como o próprio desenho, que fornecerá insights sobre as compreensões e perspectivas das crianças. Torna-se então importante que os pesquisadores se envolvam com as crianças ou, pelo menos, estejam cientes desse processo, a fim de entender as intenções das crianças nos desenhos. No entanto, grande parte da atenção dada aos desenhos tem sido no produto acabado e na sua rotulagem.

Palavras ancoram significados, como evidenciado na forma como as legendas servem como interpretações de fotografias. Assim, uma vez que um rótulo é anexado a um desenho, o significado é atribuído. As crianças no início da infância estão bastante familiarizadas com este processo – elas desenhavam algo, dizem o que é e o adulto escreve o texto. Embora o objetivo de pedir às crianças que expliquem seus desenhos pode ser evitar a interpretação adulta.

Este processo altamente ritualizado não resulta necessariamente em crianças a partilhar o seu significado pretendido: as crianças podem tornar-se muito hábeis em dar a informação que é necessária para completar a tarefa.

O discurso do desenho como significado é evidente em pesquisas recentes envolvendo crianças pequenas. Por exemplo, crianças pequenas através do desenho e contam analogias e características textuais. A complexidade dos desenhos das crianças, pois os sinais verbais e não verbais

são usados para transmitir significado. Desenhos infantis representam uma forma de documentar fenômenos educacionais e obter insights sobre as perspectivas de vida das crianças em escolas e salas de aula. O desenvolvimento de ideias infantis sobre o seu corpo.

“[...] a criança desde bebê mantém contato com as cores visando explorar os sentidos e a curiosidade dos bebês em relação ao mundo físico, tendo em vista que, nesse período, descobrem o mundo através do conhecimento do seu próprio corpo e dos objetos com que eles têm possibilidade de interagir.” (CUNHA, 1999, p. 18).

O desenho para ajudar a acessar seus conhecimentos sobre o corpo e conceituar a educação na primeira infância, desafiando as ideias tomadas por garantidas. Podemos usar desenhos infantis para ajudar os professores a examinar as crenças e valores subjacentes às suas práticas pedagógicas. Além disso, o estudo longitudinal de crianças jovens desenhando em contextos de casa, pré-escola e escola pode causar impacto nas crenças de outras pessoas importantes em casa e na escola. Apoiar o desenho infantil pode ampliar nossa compreensão do mundo da criança como uma ferramenta para construir e compartilhar significado.

COMUNICAÇÃO NO PRIMEIRO ANO DE VIDA

O ser humano, desde o nascimento, é um ser social, embora seja totalmente dependente durante a lactação. A mãe e o pai iniciam o bebê nas relações sociais, principalmente a mãe, que deve apresentar um comportamento que tranquilize e conforte o bebê. Posteriormente, os educadores de berçário são integrados a esse trabalho, para que o bebê gere um vínculo seguro com todos os adultos que serão responsáveis por seus cuidados. A relação deve ser promovida pela figura de apego adulta, que deve ser capaz de identificar as diversas estratégias de comunicação fornecidas pela criança a partir de sua satisfação física, psicológica e emocional (BRUSCIA, 2000).

Durante o primeiro período da lactação, desenvolve-se a comunicação emocional direta, ou também conhecida como comunicação situacional pessoal, uma vez que o adulto estabelece uma relação próxima, direta e afetiva com o bebê, pois ambos os seres são ativos. A estimulação positiva frequente através da linguagem, as carícias, a satisfação das necessidades de forma sensível e abrangente, são essenciais e determinantes para o desenvolvimento do bebê, bem como para a relação de apego (BRUSCIA, 2000).

Abordagens recentes consideram que a emoção é um meio essencial para promover a aprendizagem, pois influencia o desenvolvimento da afetividade e ajuda a compreender o próprio processo de aprendizagem (BRUSCIA, 2000). Apesar de o construtivismo considerar que os fenômenos cognitivos e emocionais que impulsionam o comportamento são expressões de um processo holístico, os programas e práticas educacionais perseveraram em dar relevância desproporcional à dimensão cognitiva em detrimento da dimensão emocional, possível consequência: fragmentação e obstrução da aprendizagem, especialmente se considerarmos que os alunos passam grande parte do seu tempo na escola.

Estudiosos consideram a música como uma necessidade primordial da vida, razão pela qual ela deve fazer parte da realidade escolar e ser implementada como ferramenta pedagógica desde cedo no alcance das habilidades cognitivas, perceptivas e expressivas da criança, em especial

aquelas relacionadas com a língua materna, onde a leitura desempenha um papel fundamental como forma de apropriação do conhecimento. Da mesma forma, destacam o sucesso na articulação da pedagogia musical com atividades lúdicas para motivar a participação espontânea dos bebês, que, atraídos por ela, integram-se mais facilmente ao grupo e estão positivamente predispostos à aprendizagem.

No entanto, essas potencialidades pedagógicas da música ainda não são suficientemente exploradas em benefício da educação infantil, contexto em que se insere este estudo com o objetivo de analisar a importância da Pedagogia Musical como estratégia metodológica para desenvolver a motivação e potenciar as competências cognitivas e socioemocionais em escolares na educação infantil.

ESCOLA E FAMÍLIA NO PROCESSO DE ENSINO

O contexto familiar aumenta a possibilidade de desenvolvimento da alfabetização de três maneiras, através da interação, que consiste nas experiências compartilhadas pela criança com seus pais, irmãos e outras pessoas no meio ambiente familiar, através do ambiente físico, que inclui os materiais de leitura e escrita disponíveis no lar e através do clima emocional e motivacional, que inclui as relações entre as pessoas em casa, principalmente aqueles que refletem dos pais em relação à alfabetização e à aspirações em relação ao desempenho de seus filhos.

Aos pais podemos afirmar que apoiar o desenvolvimento cognitivo e linguístico na primeira infância e sua pré-alfabetização pode ser um verdadeiro desafio, uma vez que ao acessar a educação nas séries iniciais as perspectivas acumuladas na socialização incidem em habilidades suficientes ou em construção nesta área. Motivar famílias a participar da aprendizagem e alfabetização pode representar uma tarefa difícil, especialmente em contextos de vulnerabilidade social.

As necessidades e interesses de famílias demonstra-se útil e prova a sensibilidade cultural e linguística, bem como desenvolve um senso de propriedade dentro das comunidades e grupos-alvo. A aprendizagem familiar supera, assim, as barreiras entre o lar, a escola e a comunidade, quebra o determinismo intergeracional da sub-educação e do analfabetismo e, assim, ajuda a enfrentar os contínuos desafios da privação, desigualdade, pobreza e exclusão. A participação familiar no processo de alfabetização, portanto, engloba todas as atividades destinadas ao apoio das no desenvolvimento de um ambiente familiar estimulante proporcionando a aquisição de habilidades essenciais e a aprendizagem ao longo da vida.

O conceito de alfabetização sofreu diversas mudanças ao longo do tempo, da mesma forma como as sociedades vêm se transformando, as técnicas de aprendizagem seguem as mesmas prerrogativas. Os métodos de alfabetização foram aos poucos sendo aperfeiçoados para responder às demandas educacionais que vão surgindo no campo da leitura e escrita. Para alguns profissionais as técnicas tradicionais como o uso de cartilhas não respondem mais às necessidades educacionais, o que gera polêmica entre uma parcela dos alfabetizadores (CESCA, 2004).

O desenvolvimento desde a educação infantil compreende métodos que perpassam as car-

tilhas, como exemplo das narrativas e aptidões numéricas, além disso, algumas investigações de cunho fonológico desempenham um papel importante na aquisição de leitura. Este processo, também chamado de consciência fonológica, refere-se à capacidade de a criança reconhecer e manipular sons e palavras, ser capaz de identificar três tipos de habilidades relacionado ao processamento fonológico: sensibilidade fonológica, memória fonológica e a recuperação do léxico fonológico armazenado.

“Os autores destes estudos explicam que os estágios iniciais da consciência fonológica contribuem para o estabelecimento dos estágios iniciais do processo de leitura e estes, por sua vez, contribuem para o desenvolvimento de habilidades fonológicas mais complexas. Desta forma, enquanto a consciência de alguns segmentos sonoros (suprafonêmicos) parecem se desenvolver naturalmente, a consciência fonêmica parece exigir experiência específica em atividades que possibilitam a identificação da correspondência entre os elementos fonêmicos da fala e os elementos grafêmicos da escrita.” (CUNHA e CAPELLINI, 2011, p.88)

Há também um conjunto de evidências que o nível de habilidades de leitura e de escrita está intimamente relacionado com variáveis como: quantidade e tipo de vocabulário, grau de familiarização com diferentes estilos conversação, nível de compreensão de linguagem falada e experiência na realização de conexões nos usos e formas da linguagem. Pode ser categoricamente declarado que habilidades relacionadas à linguagem oral e escrita, que pode ser adquirida em etapas e estágios iniciais do desenvolvimento psicológico, vão assumir a vida escolar das crianças.

Lagoa (1990) assevera que o conceito de alfabetização está relacionado a capacidade compreender e produzir significado de forma basilar dos fenômenos vividos em sociedade, ou seja na vida cotidiana. Desse modo a concepção em questão nos leva a compreender que a premissa que determina a condição de alfabetizado está relacionada à produção e compreensão de pequenos textos.

“Houve um tempo que era apenas passar os rudimentos da língua para outra pessoa. Aquele que conhecia esses códigos era considerado alfabetizado. Hoje podemos dizer que o indivíduo que possui o domínio do código e realiza a tarefa de codificar/decodificar é considerado como alfabetizado” (LAGOA, 1990, p. 34).

Em suma, a perspectiva da alfabetização nos anos iniciais que, desde cedo, as crianças adquirem – no campo do conhecimento sobre vários aspectos da linguagem oral e escrita – é necessário para uma posterior aquisição de escrita convencional e habilidades de leitura. Entre as habilidades e conhecimentos que estão localizados como parte do desenvolvimento escolar pode incluir: educação fonológica, uso de vocabulário amplo variados, domínio de várias funções sociais da linguagem como a descrição (de objetos, pessoas, lugares e eventos), as habilidades conversacionais, narrativas, identificação e interpretação de imagens e símbolos, a identificação de elementos relacionados com a maneira em que o alfabetização (aspectos convencionais), bem como suas funções sociais e seus relacionamentos com a linguagem oral constituem o sentido da dinâmica de vida.

EMOÇÕES E AS INSTÂNCIAS DO COMPORTAMENTO

O campo filosófico teorizou a emoção e o pensamento de forma ponderada, sugerindo que a experiência subjetiva e emocional nos processos de aprendizagem permite influenciar os pro-

cessos mentais, o que também nos permite deduzir que se conhecermos os padrões mentais de alunos, podemos facilitar o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem adequadas às suas necessidades. Embora o campo educacional mostre sinais de interesse em torno desse tema, ainda existem conceitos, métodos e atitudes (OLIVEIRA, 2014).

As evidências sugerem que crescemos entre relações emocionais que regulam nossa atividade e comportamento, promovendo também processos psicológicos como memória, percepção e/ou pensamento simbólico que são essenciais na aprendizagem (OLIVEIRA, 2014). Por outro lado, se for considerado que somente aqueles fins para os quais o sujeito tem uma atitude emocional positiva podem motivar uma atividade criativa, então estamos diante de uma dimensão que, se integrada ao contexto, a educação promoveria o bem-estar emocional na sala de aula. Por exemplo, o insucesso escolar e a evasão escolar e até mesmo a violência armada nas dependências da escola podem ser fenômenos atribuídos à supressão da atividade emocional (OLIVEIRA, 2014).

A abordagem emocional poderia ser uma estratégia educacional-terapêutica válida para prevenir a apropriação de conteúdos escolares? Incentivar a expressão emocional na sala de aula ou no campo educacional (por exemplo, aprender a expressar e compreender as próprias emoções, reconhecer as emoções dos outros) complementaria o desenvolvimento cognitivo (por exemplo, lógico-matemático, linguístico, espacial) porque estabeleceria qualidades como motivação ou responsabilidade para com o ato de aprender (JÚNIOR, 2018). Para isso, é preciso criar esse espaço que abra processos sistemáticos de intervenção emocional que estimulem e avaliem a discussão sobre questões como: Por que estudar não me motiva? Por que sou indisciplinado? facilitar a busca de interpretações e soluções para essas questões de forma concertada entre alunos e terapeutas.

A área de atuação da musicoterapia é muito ampla, podendo beneficiar desde crianças até mesmo pessoas idosas. Como recurso utilizado com as crianças hospitalizadas evidenciou-se os benefícios da música para seus familiares, equipe de saúde e em especial as crianças. Este recurso pode ser aplicado na área da saúde como uma intervenção de baixo custo, não farmacológica e não-invasiva, promovendo um processo de desenvolvimento que visa à saúde da criança, da família e dos trabalhadores. (TORRES, 2014. p. 29)

A experiência das instituições de ensino mostra que não identificar e processar a raiva ou a tristeza em sala de aula, por exemplo, interfere na atenção (motivação para entender) e na concentração (capacidade de direcionar a atenção) porque a mente não retém informações acadêmicas devido à intensidade e espaço de tempo que esses pensamentos emocionais ocupam quando não são processados (BRUSCIA, 2000).

Nesse sentido, com suas histórias de vida demonstra como a resolução de problemas, tradicionalmente vista como uma atividade exclusivamente cognitiva, é afetada por bloqueios emocionais específicos que, por sua vez, são influenciados pela realidade social e pelo contexto. Os estudantes (JÚNIOR, 2018). O esclarecimento de qualquer confusão ou bloqueio emocional é realizado na medida em que os alunos são sistematicamente incentivados a descobrir, expressar e identificar pensamentos emocionais específicos que possam estar dificultando o aprendizado acadêmico. Quando essa exploração acontece a atenção e a concentração tendem a aumentar (JÚNIOR, 2018).

Por outro lado, ajudar o aluno a reconhecer sua experiência emocional é promover a descoberta e a compreensão do ser, o que por si só é um processo significativo, pois tende a ser relevante e valorizado pelos alunos, o que pode, simultaneamente, potencializar outros processos de apren-

dizagem. Nesse sentido, a emoção desencadeia, mantém e controla a inclinação para aprender enquanto facilita ou enfraquece a aprendizagem. As emoções estão intimamente relacionadas com a percepção que se tem de si mesmo, o que influencia o comportamento. Por exemplo, se uma pessoa percebe que não é assertiva, é provável que o que ela projeta esteja sujeito a esse conceito, daí a importância de também explorar esses conceitos no cenário educacional (BRUSCIA, 2000).

É importante destacar que, embora elementos como o currículo, tradicionalmente orientado para a satisfação do conteúdo e da avaliação, intervenham no processo de aprendizagem, a qualidade humana do corpo docente é decisiva. Os professores precisam ser capazes de facilitar sua própria reflexão pessoal para entender a relação entre eles e seus alunos e se permitir conhecer como os processos de aprendizagem ocorrem no contexto de seu próprio processo de ensino e de sua própria experiência emocional.

MUSICOTERAPIA E AS EMOÇÕES E APRENDIZAGENS

Qual é o papel da música na emoção e na aprendizagem? Do ponto de vista da musicoterapia educacional, a música precipita o processo cognitivo (habilidades de observação, percepção, interação e retenção) ao mesmo tempo em que promove a identificação e expressão de emoções e com ela a descoberta e compreensão do ser fazendo, de dificuldades ou virtudes associadas a emoções que afetam a aprendizagem.

A Musicoterapia é capaz de facilitar a expressão e a elaboração de várias dimensões do processo de desenvolvimento dos cuidadores. A relação consigo mesmo, com o grupo e com a comunidade na qual estão inseridos, aponta todo o tempo para uma questão compreendida como o cuidar e ser cuidado, questão relevante neste trabalho e em todas as profissões de ajuda. (SANTOS, E. A.; ZANINI, C. R. O.; ESPERIDIÃO, E. 2015. p. 95)

A musicoterapia, que em sua definição concisa é um processo de intervenção sistemática que utiliza experiências musicais e a relação pessoa-terapeuta para promover mudanças, envolve os alunos em processos terapêuticos individuais ou em grupo. A aprendizagem relacionada a música é realizada no campo educacional e um de seus atrativos é que os alunos percebem que podem compartilhar seus sentimentos em um ambiente sem preconceitos onde suas contribuições são reconhecidas (BRUSCIA, 2000). Por exemplo, se durante um processo de aprendizagem musical, uma turma pode descobrir que sua raiva (reação emocional) é a emoção que está afetando sua motivação (tendência emocional que facilita o alcance de objetivos) e disciplina, essa descoberta permitiria a introspecção desenhar estratégias próprias para estabelecer motivação e autorregulação de impulsos.

A música é usada como terapêutica desde a Antiguidade. Sons e música manifestam-se em muitas culturas para tratar enfermos^{3,4}, até hoje. Marcada desde os antigos registros, transforma-se em musicoterapia contemporânea, que se fundamenta em bases científicas. Entretanto, desde o tempo de Hipócrates, a literatura na área de saúde tem uma atitude cética em relação ao papel terapêutico da música, uma vez que o espaço conceitual para a música enquanto terapia parece ter-se formado a partir da filosofia e pela religião. (JÚNIOR, 2018. p. 16)

A musicoterapia utiliza quatro métodos principais: composição (usar esses métodos com os alunos para explorar sua vida emocional estimula o autoconhecimento e, embora esse processo

possa ser doloroso, acaba sendo profundamente significativo por si só, pois conecta e integra o ser de maneira criativa.

A música facilita a identificação de pensamentos emocionais sobre quem somos, poderia permitir que os alunos tomassem o estudo como um prazer. Estudar nem sempre é uma tarefa fácil e provoca pensamentos emocionais de derrota, confusão e apatia, por isso é necessário desenvolver uma atitude pessoal sobre o próprio processo de aprendizagem que permita gerar significado. A geração de sentido através da música abre uma possibilidade de compreensão e mudança de atitudes em torno da aprendizagem (BRUSCIA, 2000).

O sistema educacional vigente raramente busca respostas para experiências emocionais que dificultam o aprendizado, pelo contrário, tende a sobrecarregar e excluir os alunos que sofrem com elas. Para a Musicoterapia, as emoções são consideradas aspectos do processo de conhecer umas às outras que influenciam o comportamento, portanto, assume-se que a qualidade da aprendizagem dependeria da integração dessas emoções no processo de aprendizagem. Integrar a experiência emocional ao processo de aprendizagem facilita o desenvolvimento do grau de conhecimento que os alunos têm sobre si mesmos em torno de suas motivações, possibilidades e limitações sobre as demandas acadêmicas e os procedimentos necessários para atender a essas demandas, o que implica reflexão para a transformação de estados destrutivos de consciência que afetam sua evolução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação música-aprendizagem é significativa e se dá pela aquisição de alerta e predisposição para adotar padrões criativos em substituição aos destrutivos, promove a descoberta de um significado pessoal que provoca mudanças criativas de comportamento, uma vez que o evento musical é percebido como valioso para interpretar algum aspecto da realidade de forma artística. Por outro lado, a interação aluno-terapeuta e os eventos que acontecem nas sessões favorecem a aprendizagem, uma vez que o processo é centrado nas necessidades do aluno de explorar significados pessoais que influenciam seu comportamento e atitudes em relação à aprendizagem.

Podemos utilizar, entre outros métodos de musicoterapia, a análise de canções com particular utilidade. Inicialmente, o método envolve ouvir músicas selecionadas pelo aluno para perguntar: Que sentimento, ideia ou imagem a música ouvida quer comunicar? Posteriormente, envolver a abordagem existencial de questões em torno de: Quem sou eu? Mas qual seria o benefício de responder a essa pergunta? fundamentalmente promover o conhecimento pessoal e cultivar a perseverança em ser para se auto-organizar para construir um significado valorizado pelos alunos sobre o ato de aprender. Do ponto de vista psicodinâmico, a análise da música é uma experiência através da qual os pensamentos emocionais emergem e são trazidos à consciência por meio da interpretação verbal e musical e, assim, analisados e integrados para servir às funções de autorregulação.

Por outro lado, essa experiência estimula a transmissão de ideias ou visões sobre o mundo e a existência, a música, por exemplo, é a melhor forma de transmitir uma mensagem ou conhecimento por ser uma comunicação direta que descreve a sociedade e sua experiência. Se outro

método como composição (por exemplo, canções ou peças instrumentais) fosse usado, uma expressão emocional específica que desejasse ser compreendida seria documentada, como apatia; neste caso, a peça composta torna-se um ato comunicativo de interação.

Atualmente, nos acostumamos a um mundo onde as mudanças ocorrem com velocidade sem precedentes. Isso nos força a questionar a noção de nosso conhecimento em suas várias esferas. A teoria desenvolvida a partir da objetividade do quantitativo e, além disso, as ciências naturais com base no pensamento científico, incorporou outros conhecimentos, a construção de um pensamento crítico baseado em fenômenos incluindo o conceito de interpretação. É uma extensão do paradigma cognitivista, que posiciona a subjetividade em um lugar mais relevante. O conhecimento que é construído a partir da experiência e pensamento das Artes Visuais é configurado a partir do interpretativo e da práxis. Essa expansão é largamente inspirada nas possíveis leituras da produção artística baseadas na interpretação hermenêutica. É essa mesma interpretação que nos permite inserir um pensamento sobre o fenômeno estético como um evento que não é isolado ou restrito a formas sensíveis não condicionadas pela racionalidade. Trata-se mais de considerar o ensino das artes visuais como um conjunto de fenômenos que podem ser experimentados a partir de diferentes abordagens de pensamento e ação.

Em síntese, a musicoterapia utiliza fundamentalmente as experiências musicais e a relação aluno-terapeuta (em sessões de grupo ou individuais) para estimular o autoconhecimento por meio do desenvolvimento emocional e levar a uma mudança no significado da experiência de aprendizagem para que os alunos contribuam para treinar e regular. É uma abordagem horizontal que convida os alunos a expressarem o que pensam sobre o que se propõe a aprender, esse aspecto é fundamental para entender o comportamento e as atitudes dos alunos, compreender as emoções responde pelas dificuldades dos alunos, seus gostos ou desgostos, apatia ou entusiasmo.

REFERÊNCIAS

BRUSCIA, K. E. **Definindo Musicoterapia**. Trad. Mariza Velloso Fernandez Conde. 2. ed. Rio de Janeiro, Enelivros, 2000.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira. **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

JÚNIOR, Hermes de Andrade. **Eficácia terapêutica da música: um olhar transdisciplinar de saúde para equipes, pacientes e acompanhantes**. Rev enferm UERJ, Rio de Janeiro, 2018.

LIBANEO, Jose Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUQUET, Georges Henri. **O desenho infantil**. Tradução de Maria Teresa Gonçalves de Azevedo. Porto: Editora Livraria Civilização, 1969.

MENEGOLLA, Maximiliano. **Por que planejar? Como planejar?** Petrópolis: Vozes, 2002.p.15 a 37.

MÈREDIEU, F. de. **O desenho infantil**. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MOREIRA, A. A. A. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

OLIVEIRA, C. C. & Gomes. A. **Breve história da musicoterapia, suas conceptualizações e práticas**. In: Atas do XII congresso da SPCE, 754-764. Portugal. (2014).

SANTOS, E. A.; ZANINI, C. R. O.; ESPERIDIÃO, E. **Cuidando de quem cuida: uma revisão integrativa sobre a musicoterapia como possibilidade**. Revista Música Hodie, Goiânia, V.15 - n.2, 2015, p. 92-104

TORRES MCAR, Leal CMF. **Reflexões de professoras supervisoras de estágios supervisionados de Música no ambiente hospitalar: desafios e aprendizagens**. Revista da FUNDARTE. 2014.